

Resistir Para (Re)Existir: Comunicação, Tecnologia E Narrativas Periféricas¹

Marcella Tovar²

Fernanda Paes³

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

A Comunicação Comunitária trata-se de um processo de luta popular não só por espaços de fala, mas por transformação social e influência política. Tendo em vista os avanços tecnológicos e a apropriação popular dos aparelhos de telefone móveis, é importante pensar as novas maneiras de comunicar. Este artigo fará uma análise crítica, através de revisão bibliográfica, da Comunicação Comunitária no Brasil, tendo em vista a importância das mídias digitais para a enunciação, o desenvolvimento e a estruturação de novas narrativas de e sobre as populações periféricas. Apesar do panorama político atual, o estudo observou possibilidades de construção de relações mais horizontais com os meios de comunicação, em um movimento de "resistir para (re)existir".

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação Comunitária; Populações Periféricas; Novas Narrativas.

Introdução

As mídias comunitárias surgiram em meados do século XX na América Latina e eram nomeadas como popular e/ou alternativa. Nascidas no bojo dos movimentos sociais da época, elas caracterizavam-se originalmente pelo uso mais politizado de meios de comunicação analógicos. Já no alvorecer do século XXI, as mídias comunitárias se diversificaram buscando adequação às pautas e comunidades diversas, ligadas ou não a movimentos sociais e de base, mas sempre voltadas para minorias.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda e bolsista Capes em Mídia e Cotidiano no IACS-UFF. E-mail: marcellatovar@gmail.com.

³ Mestranda em Mídia e Cotidiano no IACS-UFF. E-mail: fernandapaesri@gmail.com.

Hoje, elas passaram a incorporar as mídias digitais e a produzir novas maneiras de comunicar, apropriando-se da tecnologia e dos dispositivos móveis.

Assim como a história, a nomenclatura desse tipo de comunicação também foi mudando para contemplar as novas especificidades e práticas que foram surgindo ao longo do tempo. As mídias comunitárias já foram chamadas de alternativa, popular, local, cidadã, entre muitos nomes. No Brasil, ele passou a ser definido como Comunicação Comunitária. A consolidação do termo ‘comunitário’ se deve a muitos fatores. Um dos principais motivos é a própria consolidação do termo junto às rádios antes denominadas populares e alternativas, em boa medida pela ação de *advocacy* mundial da Associação Mundial de Rádios Comunitárias - AMARC. Na academia, também se deve a polivalência do termo comunidade.

Cicilia Peruzzo e Raquel Paiva, no livro "O Retorno da Comunidade", explicam que a polissemia assumida pelo termo “comunitário”, na última década do século XX, era encarada com inquietação por pesquisadores preocupados em consolidar a Comunicação Comunitária como uma ciência da comunicação aplicada e socialmente relevante. Apesar dos canais de Comunicação Comunitária serem vistos como indispensáveis para a democratização dos meios de Comunicação Social, os estudos sobre eles ainda estão atrelados a experiências do passado, a uma época de repressão política e de sufocamento das vozes populares diferente do silenciamento que existe hoje. Visando contribuir com os estudos deste campo, o objetivo central deste artigo é fazer uma análise crítica, através de revisão bibliográfica da Comunicação Comunitária no Brasil através dos autores Cicilia Peruzzo, Raquel Paiva, Muniz Sodré, Eduardo Yamamoto e Leonardo Custódio, tendo em vista a importância das mídias digitais para a enunciação, o desenvolvimento e a estruturação de narrativas periféricas.

Desenvolvimento

A Comunicação Comunitária é feita por e para comunidades excluídas, constituídas por indivíduos oprimidos, minorizados e silenciados pelos meios de comunicação e/ou pela sociedade. Diferente dos meios tradicionais, as ações comunicacionais comunitárias carregam em si práticas que representam uma busca real

e constante por sociedades mais justas, igualitárias e plurais. Para tanto, a Comunicação Comunitária atua incentivando o pensamento crítico e o uso de veículos de comunicação como suportes para transmissão de ideias e de propostas políticas e sociais, dando visibilidade às pessoas e à formas de exclusão delas.

A mediação do comunitário através de meios de comunicação advém dos períodos de luta, quando havia uma censura e uma política de sufocamento das vozes populares. Por isso buscam usar meios como rádios comunitárias, rádios de poste, jornais comunitários, panfletos e outras formas de midiatização alternativa para mostrarem vozes e identidades. Cicilia Peruzzo (1998) enfatiza também que a Comunicação Comunitária saiu do campo político para o social e passou a girar também em torno de questões como informação, educação, arte e cultura, tendo mais espaços para o entretenimento, prestação de serviços, participação de várias organizações e divulgação de manifestações culturais locais.

Assim como o adjetivo popular é constitutivo da expressão “comunicação popular” e deriva da palavra povo, a expressão “comunicação comunitária” tem ligação com os conceitos de comunidade. Estes são complexos e estão em transformação. Originalmente enfatizam-na como uma unidade em que os laços entre os seus membros são orgânicos e espontâneos – sejam eles baseados na vizinhança, laços de sangue ou espiritual (TÖNNIES, 1973, 1995), pressupõem uma base geográfica específica [sic] e a existência de coesão social (MACIVER; PAGE (1973, p.122), ou ainda se vislumbra a formação de uma organicidade capaz de constituir uma “comunidade universal”, a partir de uma sintonia de interesse pela vida (BUBER, 1987), ou seja, a formação de uma “comunidade de ideias”, entre outros aspectos. (PERUZZO, 2009, p.57).

A concepção de comunidade muda ao longo do tempo, mas, enquanto a noção ligada ao espaço geográfico foi superada, o sentimento de pertença, a participação, a conjunção de interesses e a interação são características que persistem, principalmente com o advento das tecnologias. Segundo Peruzzo (2009), viver e conviver em um mesmo lócus não garante a existência de relações comunitárias, pois "a comunidade se funda em identidades, ação conjugada, reciprocidade de interesses, cooperação, sentimento de pertença, vínculos duradouros e relações estreitas entre seus membros".

Por isso, um meio de comunicação local não é necessariamente comunitário. Ele reproduz os padrões da mídia comercial privada em termos de interesses econômicos e políticos, além de se basear na mesma lógica de gestão e programação, distanciando-se da perspectiva comunitarista. Assim sendo, explica Peruzzo, a Comunicação Comunitária é constituída (e diferenciada) pelos vínculos identitários, por não possuir finalidade lucrativa e pela horizontalização das relações entre emissores e receptores para democratização do acesso à mídia e luta pela cidadania.

As primeiras experiências de Comunicação Comunitária no mundo aconteceram na América Latina, segundo Luciano Klöchkner e Nair Prata apud Roncagliolo (2009). Elas eram constituídas por dois modelos iniciais de rádios comunitárias, a rádio Sutatenza criada na Colômbia em 1947 e as rádios dos sindicatos mineiros da Bolívia inauguradas no início da década de 50. Assim como as outras experiências comunitárias que vieram em seguida, estas rádios eram diretamente ligadas aos movimentos sociais populares e tinham o apoio da igreja católica, o que talvez explique a relação estabelecida com a educação popular, marcada especialmente pelas ideias do educador Paulo Freire e pelo fomento a formação de pensamento crítico sobre a realidade social.

Em 1947, o padre José Salcedo, da aldeia colombiana da Sutatenza, instalou uma rádio elementar para apoiar as campanhas evangelizadoras e alfabetizadoras da Igreja Católica. No correr de uma década, formou-se uma cadeia de oito rádios, com patrocínio internacional e do governo nacional, para favorecer a educação não formal dos camponeses colombianos. As experiências das rádios educativas, quase todas cristãs, estenderam-se pela América Latina nos anos 60. Perto de 500 rádios destes tipo surgiram em 15 países. Em um primeiro momento, dirigiram sua atenção aos camponeses e indígenas e, nos anos 70, também às populações suburbanas e marginalizadas. (KLÖCHKNER; PRATA, 2009, p.357).

Hoje, a Comunicação Comunitária acontece em todo o mundo: na América Latina, América do Norte, Europa, África, Ásia e Oceania. As práticas comunicacionais, no entanto, não são as mesmas e, em cada uma dessas regiões, tem-se uma experiência de Comunicação Comunitária, marcada pelos fatos históricos e/ou contemporâneos que caracterizam a localidade. De acordo com Leonardo Custódio

(2016), a experiência na América Latina é definida especialmente por quatro fatos: primeiro, pelos países terem sido colônias e os povos nativos terem sido subjugados por portugueses e espanhóis; segundo, por parte significativa do processo de colonização ter sido feito através da exploração da força do trabalho escravo; terceiro, pelos regimes autoritários instaurados em períodos mais recentes e, por fim, pela desigualdade social e econômica que ainda marcam a região.

A Comunicação Comunitária na América Latina acontece em geral em centros urbanos, nas favelas e em outras localidades onde se concentram populações de baixa renda ou marginalizadas como por exemplo, no caso dos países andinos, em que a Comunicação Comunitária também é uma importante forma de expressão dos povos originários. Em alguns casos, são processos comunicacionais criados por organizações não-governamentais (ONGs). Em outros, são moradores, associações locais ou grupos de amigos que criam canais de interação, mobilização e troca de conhecimentos através da comunicação. É importante destacar que, apesar das diferenças entre as sociedades, a Comunicação Comunitária se constitui como ação política periférica em todos os contextos e a sua essência política e periférica é justamente o elo que une comunicadores comunitários em todos os continentes.

No Brasil, a essência política dos pioneiros da Comunicação Comunitária latino-americana e o campo de estudo nascem como um processo de articulação, mobilização e diálogo entre a população de baixa renda e marginalizada na base dos movimentos populares. Como nas primeiras práticas comunicacionais comunitárias no mundo, as primeiras experiências brasileiras foram transmissões de rádios não-comerciais nas décadas de 60 e 70, voltadas para a educação e a evangelização e ligadas a movimentos populares. Já, num segundo momento, essas rádios passaram a incorporar perspectivas políticas e sindicais.

A palavra cidadania vem do latim "*civitas*", que quer dizer cidade. Antigamente, cidadão era aquele que fazia parte da cidade, tendo direitos e deveres por nela habitar. Para Eduardo Yuji Yamamoto (2018), o conceito de cidadania é definido por alguns aspectos como a correlação com a ideia de direito, que possivelmente foi incentivada pela obra *Cidadania, classe social e status*, de T. A. Marshall (1967). O livro adota a

trajetória histórico-cultural inglesa e a conquista sequencial do direito civil, político e social como premissas reflexivas, não obstante, reivindicatórias.

O processo de formação cidadã é fundamental para conscientizar a população e por isso caminha junto com a comunicação. Dessa conjunção, advém a Comunicação Comunitária, que possibilita a atuação de populações que sofrem com a exclusão por falta de políticas públicas e desinteresse do Estado como agentes comunicativos e transformadores da sua realidade, tendo em vista a sua potencialidade para a difusão de informações e conhecimento. A participação efetiva das comunidades é mais importante que o retorno do público, porque a produção de conteúdo passa pela preparação das pessoas para lutarem por seus direitos e deveres, ampliando, conseqüentemente a luta pela democratização do meios de comunicação.

A investigação no sentido de descobrir quem são os sujeitos deste processo, como se posicionam, de criar um novo espaço para o diálogo e novas formas de mobilização comunitária pode contribuir com a ampliação da cidadania e enunciação de uma população que vive no esquecimento da sociedade, num processo de ampliação da voz e das narrativas de si por si. Nas palavras de Paulo Freire (1967), "a desesperança das sociedades alienadas passa a ser substituída por esperança quando começam a se ver com os seus próprios olhos e se tornam capazes de projetar. Quando vão interpretando os verdadeiros anseios do povo".

Ao funcionar como suporte de pensamento e discurso, a Comunicação Comunitária lança luz não apenas aos códigos, às normas e as ideologias da cultura popular, mas ao desejo de emancipação do homem cujas relações sociais encontram-se subordinadas à lógica de produção industrial que o aprisiona à hegemonia do capital. Ela é um conjunto de ações políticas que fazem das periferias não só espaços de contraposição aos centros de poder, mas centros de geração de poder popular a partir da comunicação.

Em resumo, definir a Comunicação Comunitária como ação política periférica não é apenas uma questão geográfica, trata-se de luta encampada nas periferias das esferas de poder. Apesar das diferenças entre as sociedades, a Comunicação Comunitária caracteriza-se como ação política periférica em todos os contextos, como

analisou Leonardo Custódio (2016) ao citar a música “Periferia é Periferia”. A canção do grupo de rap Racionais MCs ao falar das periferias do Brasil, nos faz refletir sobre o fato de que em todas as sociedades do mundo, pessoas sofrem as consequências da desigualdade social.

Esta música dá margem para que reflitamos sobre como as lutas periféricas se assemelham como ações políticas independente do contexto onde elas ocorram. Assim, para a reflexão sobre comunicação comunitária, podemos pensar a noção de periferia não só como espaços urbanos heterogêneos que historicamente sofrem com a precariedade de serviços públicos, com a condição predominante do subemprego e com a violência sobretudo em sociedades desiguais como a brasileira. (CUSTÓDIO, 2016, p.139).

Compreender que periferia é periferia em qualquer lugar e que a luta da Comunicação Comunitária é pelo acesso ao espaço de fala nas mídias remete à participação da escritora nigeriana Chimamanda Adichie no evento *Technology, Entertainment and Design (TED)*, realizado em 2009 e posteriormente disponibilizado em vídeo no site *YouTube*. Adichie alertou para importância da democratização dos meios de comunicação a partir de uma reflexão sobre o perigo da história única – termo cunhado por ela – em referência à construção do estereótipo de pessoas e/ou lugares, numa perspectiva de construção cultural e de distorção de identidades.

Em suas palavras, trata-se de uma única fonte de influência, de uma única forma de se contar histórias e de se controlar as pessoas através da formatação de um pensamento único e hegemônico. Ela exemplifica apresentando a diferença no tratamento do africano em seu continente e pelo olhar ocidental homogeneizador, que estereotipa e discrimina determinadas identidades culturais. Por isso, ela indaga como as narrativas são contadas, quem as conta, quando, como e quantas dessas histórias que são contadas realmente dependem do poder? Chimamanda Adichie acredita que uma *single story* constrói-se também ao ser contada como uma única repetidas vezes.

As histórias estereotipadas (re)criam padrões através da mídia, que não só contribuem para a construção de representações negativas, estigmatizantes, preconceituosas e criminalizantes, mas as reforçam e legitimam. Adichie chamou

atenção para o "perigo de uma história única", porque para a escritora uma história pode destruir a dignidade de um povo assim como pode ser usada para capacitar e humanizar. Ela cita como exemplo o caso da escritora americana Alice Walker e explica que os parentes de Walker haviam mudado do sul para o norte e ela (Walker) os presenteou com um livro sobre a vida sulista, que eles tinham acabado de deixar para trás. Alice Walker sentou-se com a sua família, eles leram o livro juntos e ela conta que um tipo de paraíso foi reconquistado pelos seus parentes. Os parentes de Walker se reconheceram verdadeiramente nas histórias do livro.

Chimamanda Adichie finalizou o *TED* explicando que quando rejeita-se uma "história única", quando percebe-se que nunca há apenas uma história sobre um lugar, "um tipo de paraíso" é reconquistado. O que ocorre é que, por essa perspectiva, a comunicação é encarada como uma experiência de pertença (vínculo). Sodré apud Yamamoto (2018) falou sobre a importância das ações vinculantes, explicou que são de natureza basicamente sociável e definiu o conceito de vinculação como "formas diversas de reciprocidade comunicacional (afetiva e dialógica) entre os indivíduos".

Para Sodré (2002), "o vínculo atravessa os limites, atravessa o corpo, os sonhos, o psiquismo do sujeito" e ultrapassa o que está posto juridicamente, socialmente, foge às convenções e as regras, é o espontâneo. A comunicação é vinculativa, envolve a existência e o núcleo dela é a comunidade. Sodré (2014) explica que o verbo comunicar está ligado ao sentido das ações de vincular, organizar ou, ainda, de deixar-se vincular e organizar pelo que há de comum. A função comunicativa que constitui a condição humana deriva desse fenômeno. Como afirma o pesquisador, os homens são comunicantes porque estabelecem relações ou porque organizam mediações simbólicas, de modo consciente ou inconsciente, em nome da partilha de algo em comum e esse comum só a comunidade tem acesso e é a própria Comunicação Comunitária.

A Comunicação Comunitária resiste como uma fresta, que o mercado não consegue dominar. Segundo Muniz Sodré (2014), o mercado pode controlar o "comum mediatizado", mas ele não consegue dominar o homem e o conflito que emerge no interior de uma comunidade, o que pode ser um caminho de resistência (para existir), principalmente quando conjugado às tecnologias de comunicação e informação, que, em

formatos de aparelhos móveis, tiveram a mais rápida disseminação na história da humanidade nas últimas duas décadas.

A forma como muitas pessoas expressam sobre suas próprias vidas e produzem vídeos para o YouTube constituem a configuração contemporânea da articulação da subjetividade à visibilidade na sociedade (SIBILIA, 2010), mas também demonstra os processos de apropriação e reutilização das estratégias, gêneros e linguagens televisivos como forma de expressão da subjetividade. (BORGE: SACRAMENTO, 2017, p.10).

A apropriação popular dos aparelhos móveis como instrumentos de comunicação e o uso das mídias digitais impactou diretamente o desenvolvimento econômico e social do Brasil. As narrativas podem ser contadas ou não de forma alternativa, linear, com uma linguagem típica da região, através de um conteúdo que tenha significado tanto para a comunidade quanto para a sociedade e que devido ao caráter mais horizontal dos dispositivos tecnológicos atuais possibilitam uma produção e recepção não hegemônica e mais representativa.

Conclusão

A construção de uma cultura democrática depende da participação política dos sujeitos e esta presença é motivada por inúmeros fatores e por grupos diversificados da sociedade. Ela ganha notoriedade muitas vezes dentro de movimentos sociais populares, visto que eles intentam transformações profundas nas estruturas que regulam o funcionamento da sociedade. Em tais movimentos, na década de 40, nasceu a Comunicação Comunitária e a perspectiva de os veículos de comunicação operarem como suportes para transmissão de ideias e propostas políticas populares.

Pelo ponto de vista das lutas políticas, como citou Custódio (2016), temos pelo menos dois espaços centrais de poder: o espaço de fala nas mídias e as esferas de decisão por políticas públicas. Em ambos, pessoas e grupos que participam dessas esferas têm condições de influenciar em maior ou menor grau a vida de uma sociedade. Por isso, é necessário refletir ainda hoje sobre o acesso à essas esferas, a democratização

dos meios de comunicação e fortalecer a Comunicação Comunitária em sociedades desiguais e excludentes como a do Brasil.

A busca para se fazer incluir ou criar suas próprias esferas de poder a partir da comunicação, no entanto, pode ganhar fôlego com os avanços da tecnologia, tendo em vista a apropriação popular dos aparelhos de telefonia móveis e o uso deles como mídia. As novas mídias digitais geram *fake news*, mas também podem contar e divulgar histórias que não eram contadas ou que não eram protagonizadas pela maioria (minorizada) da população. A lógica da comunicação de massa passa por mudanças bruscas e constantes e uma delas, vista neste artigo, é uma certa possibilidade de horizontalização da comunicação, que precisa ser acompanhada pelo fortalecimento da educação, da cidadania, entre outros, para que seja uma ação de algum modo libertadora. Assim, conclui-se que os meios que alienam também podem criar novos vínculos e recriar relações bem como ajudar a construir novas narrativas e a escrever biografias das periferias sobre si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUSTÓDIO, Leonardo. **Panorama global da comunicação comunitária como ação política periférica**. In: MÍDIA E COTIDIANO, 2016.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. FREIRE.1967.

KLÖCHKNER, Luciano; PRATA, Nair. **História da mídia sonora: experiências, memórias e afetos de norte a sul do Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

PAIVA, Raquel. **O Espírito Comum: Comunidade, Mídia e Globalismo**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad X, 2003.

PAIVA, Raquel. **O Retorno da Comunidade: Os Novos Caminhos do Social**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad X, 2007.

PERUZZO, C. M. K. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1998.

PERUZZO, C. M. K. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor**. Município: Editora, 2006. ECO-Pós, v.12, n.2, maio-agosto 2009, p.46-61

SACRAMENTO, Igor e BORGES, Wilson Couto. **A televisualidade midiaticizada do testemunho: a dismorfia corporal num canal do YouTube**. In: XXVI COMPÓS, 2017.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho - Uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SODRÉ, Muniz. **A Ciência do Comum: notas para o método comunicacional**. Vozes, 2014.

THE DANGER OF A SINGLE STORY. Chimamanda Adichie. TED, EUA, 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>>.